

ANAIS DO
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E
COMÉRCIO**

VOLUME II

XXXV
Coleção da *Revista de História*
sob a direção do Professor
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil
1971

FONTES PARA A HISTÓRIA DA MEDICINA BRASILEIRA (*).

LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO.
da Universidade Estadual de Campinas.

Quando elaborei em 1943-47 a *História da Medicina no Brasil* (Editora Brasiliense Ltda., 2 volumes, São Paulo, 1947), penetrei em um campo praticamente virgem, ainda não manuseado, a não ser perfuntoriamente e assim mesmo por autores que se repetiam, uns aos outros, na citação das mesmas e mingüadas fontes. Coube-me, então, a tarefa de levantar as fontes necessárias, ordená-las, criticá-las e delas me servir para obter os dados que me permitiram escrever a primeira e até agora — passados vinte e poucos anos — a única História da Medicina Brasileira publicada.

Preparando atualmente a segunda edição, correta e aumentada, dediquei todo um capítulo à indicação das fontes que julgo necessárias, ou antes, primaciais, gerais e especializadas. E é numa antecipação que nesta comunicação aponto, sem a exegese que não caberia dentro dos limites aos quais me propus, essas fontes primaciais, das quais apenas algumas mais importantes são aqui particularizadas.

a) . — Fontes especializadas, de caráter médico ou para-médico essenciais para o conhecimento da ciência da época, pois versam a filosofia ou a teoria, e a prática. Englobam: 1) . — os velhos textos médicos europeus (tratados de medicina e de cirurgia, farmacopéias e outras relações de vegetais úteis à medicina); 2) . — as antigas obras que trataram da medicina no Brasil (com extensos capítulos de patologia e terapêutica), como *De Medicina Brasiliensi*, Amsterdam, 1648, de Willem Piso; *Historiologia médica*, Lisboa, 1732-52, de José Rodrigues de Abreu; o *Tratado de las siete enfermedades*, Lisboa, 1623, de Aleixo de Abreu; o *Tratado único das bexigas e sarampo*, Lisboa, 1683, de Romão Mosia Reinhipo, anagrama de Simão Pinheiro Morão, que deixou em manuscrito, agora publicado, *Queixas repetidas em ecos dos arrecifes de Pernambuco . . .*, Lisboa,

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª Sessão de Estudos, Equipe B, no dia 2 de setembro de 1969 (Nota da Redação) .

1965; o *Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco*, Lisboa, 1964, de João Ferreira da Rosa; as *Notícias do que é o achaque do Bicho*, Lisboa, 1707, de Miguel Dias Pimenta; a *Relação cirúrgica e médica*, Lisboa, 1741, de João Cardoso de Miranda, autor de outros escritos sobre o escorbuto ou mal de Loanda; o *Erário mineral*, Lisboa, 1735, de Luís Gomes Ferreira, o *Governo de mineros*, Lisboa, 1770, de José Antônio Mendes; o *Discurso crítico*, Lisboa, 1785, de José Henriques Ferreira; e mais algumas publicações de físicos e cirurgiões como Bernardino Antônio Gomes, Antônio Joaquim de Medeiros, e etc. 3). — os manuscritos médicos e botânicos, escritos por físicos (médicos), cirurgiões e naturalistas dos séculos passados, até agora inéditos, conservados em arquivos nacionais e de ultramar, tais como os deixados por Ildefonso José da Costa e Abreu, Alexandre Rodrigues Ferreira, Simão Pereira de Sá, Mateus Saraiva, Vicente Gomes da Silva e tantos outros; 4). — os pequenos tratados da Impressão Régia, publicados no Brasil por médicos e professores de medicina das duas escolas brasileiras do Rio de Janeiro e do Salvador; 5). — as teses de doutoramento dos brasileiros que estudaram em Montpellier em fins do século XVIII, as teses de doutoramento dos diplomados pelas duas faculdades médicas brasileiras; 6). — os compêndios publicados pelos professores brasileiros de medicina, os manuais ao alcance da inteligência popular, memórias e observações médico-cirúrgicas aparecidas no século XIX. E aqui vale lembrar como de excepcional importância o livro publicado por José Francisco Xavier Sigaud, médico francês morador no Rio de Janeiro, *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844, um verdadeiro tratado de geografia médica e de documentação científica.

B). — Fontes médico-históricas, ou fontes especializadas que surgiram a partir do século XIX e que diretamente retratam aspectos parciais da medicina nacional. Não obstante obedeceram à desusada norma da pura descrição, informam sobremaneira sobre o tema em questão. Compreendem: 1). — ensaios de bibliografia médica, editados pela biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e pela Academia Nacional de Medicina; 2). — históricos parciais sobre a medicina indígena, sobre a medicina jesuítica, sobre sociedades e institutos e de beneficiência, sobre a farmácia, sobre faculdades de medicina, sobre outros temas de medicina e cirurgia e ciências afins, sobre capítulos de terapêutica, de patologia, de legislação sanitária, etc.; 3). — históricos gerais, descritivos, resumidos, iguais uns aos outros, versando todos os mesmos temas, mas necessários à consulta e dignos de respeito devidos aos pioneiros. Foram publicados em obras ou edições comemorativas de centenários efemérides nacionais. Seus autores são José Eduardo Teixeira de Souza, Agostinho José de Sousa Lima, Juliano Moreira, Alfredo Nascimen-

to e Silva (êste, um pesquisador de gabarito para lançar obra de envergadura, porém se ateuve a duas resenhas e a centenas de pequenos artigos), Alvaro A. de Souza Reis, que foi o primeiro a aparecer na bibliografia nacional com uma memória intitulada *História da Medicina no Brasil* (in *Dicionário Histórico, Geográfico, Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, vol. 1, 1922). Trazia como sub-título *Notícia sintética*. O segundo autor a usar do referido título foi o autor desta comunicação, como se viu linhas atrás; 4). — históricos regionais, elaborados nos mesmos moldes dos resumos gerais, com informações sobre a medicina em apenas cinco estados: Paraíba, Bahia, Pernambuco Sergipe e Paraná.

C). — Fontes gerais, de aspecto descritivo e destituídas de qualquer feição médica ou científica. São livros ou manuscritos dos informantes: sacerdotes, historiadores, viajantes e naturalistas, portugueses e de outras nacionalidades. Têm grande valia os informes que trazem sobre medicina (otologia, patologia, clínica, terapêutica) e sobre os profissionais médicos (formação, cultura, condição social e econômica, bio-bibliografia, etc). Iguamente aproveitáveis são os informes contidos nos diários e memórias, crônicas, livros descritivos e de viajantes, relatórios, papéis de natureza administrativa (como regimentos, atas de vereança, cartas régias, falas do trono), cartas de missionários (como as nunca assáz louvadas cartas jesuíticas, rico manacial de dados sobre patologia e terapêutica) e cartas particulares, papéis outros como testamentos e inventários, códices, registros e papéis de ordem comercial, livros de história geral e regional, efemérides, cronologias, biografias, dicionários histórico-geográficos, revistas dos Institutos Históricos, livros de folclore e de mitos, textos etnográficos e sociológicos, romances de costumes, jornais e almanaques, roteiros e relatos de viagens dos viajantes e naturalistas que percorreram o Brasil em variadas épocas (como Spix e Martius). As obras dos naturalistas assumem em certos lances uma feição científica e aí tornam-se de extraordinário valor.

Estas fontes gerais fornecem dados excelentes ao pesquisador especializado da história da medicina brasileira. E associadas às já citadas, constituem, a meu ver, as fontes imprescindíveis para a elaboração da história da medicina brasileira.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *José Calazans Brandão da Silva* (FFCL da UF da Bahia).

Lembrou que existe na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, organizado pelo Prof. José Lima, já falecido, um

levantamento completo das teses de doutoramento, apresentadas no século XIX, que está ao alcance dos pesquisadores, embora ainda não tivesse sido publicado. Os interessados poderão obter informações na Universidade. As teses têm contribuições valiosas para o conhecimento da evolução da Medicina no Brasil.

*

Do Prof. *Odilon Nogueira de Matos* (FFCL da UC de Campinas).

Indaga sôbre o interêsse que a literatura dos viajantes estrangeiros do século XIX pode oferecer para o conhecimento das condições relativas à higiene e à medicina no Brasil, na época em que êles percorreram o Brasil. Muitos dêsses viajantes eram médicos ou tinham cultura científica que os habilitava a sentir os problemas em questão. Alguns eram médicos mesmo, como o caso de Avé-Lallemant, cuja obra refere-se tanto ao Sul como ao Norte do Brasil. Certamente valeria a pena pesquisar sôbre a contribuição dêsses viajantes.

*

Da Prof^a *Antonieta de Aguiar Nunes* (FFCL de São Bento. PUC SP).

Lembrou que uma parte importante da História da Medicina no Brasil deve dedicar-se à medicina popular, às práticas a que recorre o povo para sanar e curar os seus males. De fato, num país onde sempre o número de médicos foi escasso e êstes atendiam sempre às classes privilegiadas (o que acontece ainda hoje com a grande maioria da população do país que não tem acesso à Medicina) não se pode deixar de mencionar tudo aquilo que faz parte do modo de curar do povo. Aí seriam estudadas: 1) . — tôda a nomenclatura empregada pelo povo das várias regiões do Brasil, tanto dos diversos órgãos do corpo humano quanto das diferentes doenças; 2) . — as mais variadas superstições existentes a respeito de prevenções de doenças, curas, etc.; 3) . — os resguardos que cada enfermidade exige; 4) . — as ervas, os chás, as papas as mais diferentes. Por outro lado, seria interessante não só fazer o levantamento da medicina popular no que ela tem de pitoresco, como levar a sério tudo aquilo que ela tem de lógico e de correto, para continuar aplicando, só que com orientação médica, numa campanha educativa, pois ainda vivemos num país sub-desenvolvido. O pequeno número de médicos, de leitos nos hospitais, e ainda e sobretudo o preço dos remédios, indicam os

motivos pelos quais a maioria da população continua se entregando às práticas caseiras, bem mais acessíveis e eficientes, se bem orientadas.

*

Do Prof. *Astrogildo Fernandes* (FFCL da PUC, RS).

Diz que fará apenas uma pequena intervenção ao trabalho do Autor no sentido de informar da possibilidade do uso de levantamentos históricos de instituições hospitalares, ainda que de cunho regional. Lembra, a propósito, o Prof. Walter Spalding, em Pôrto-Alegre, que escreveu a História da Benficiência Portuguesa daquela cidade. Tais obras refletem a vivência médica (do Brasil) e, como tal, são preciosos subsídios para a comunicação apresentada.

*

RESPOSTAS DO PROFESSOR LYCURGO DE CASTRO SANTOS FILHO.

Ao Prof. *José Calazans Brandão da Silva*.

Diz que consta do resumo apresentado aos Simposiastas o item referente às teses de doutoramento dos médicos brasileiros, inclusive dos formados em Montpellier. Quanto às dedicatórias nas teses, elas são realmente interessantes e dignas de estudos, inclusive aquela assim redigida: “Às sagradas cinzas da minha veneranda sogra...”

*

Ao Prof. *Odilon Nogueira de Matos*.

Diz saber que tanto Avé-Lallemant, como os demais naturalistas, tiveram as suas obras por êle levantadas na parte referente à Medicina e ciências afins, página por página.

*

À Prof.^a *Antonieta de Aguiar Nunes*.

Afirma que a medicina folclórica, por ser interessante, foi por êle estudada e numerosos autores, como Fernando São Paulo, Ge-

túlio César, Alceu Maynard de Araújo e outros, já trataram com propriedade do assunto.

*

Ao Prof. *Astrogildo Fernandes*.

Sustenta que, realmente, históricos parciais, como o referido sobre a Benficiência Portuguesa de Pôrto-Alegre, interessam sobremaneira, a exemplo dos estudos feitos sobre as Benficiências de Campinas e São Paulo, Santas Casas do Rio de Janeiro, Florianópolis, São Paulo, etc.